

VER, VISITAR, PARTICIPAR: A PRODUÇÃO DO “BÍBLICO” COM BASE EM TELENOVELAS BRASILEIRAS¹

Jorge Scola

Em minha pesquisa de doutorado, venho acompanhando as formas com que a produção de séries e telenovelas de temática bíblica pela Record TV (2010-atualmente), emissora de televisão aberta e de propriedade da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), constrói audiências em sua atuação por meio de distintos trajetos no espaço público. Este texto intenta salientar a relacionalidade entre dois processos. Um deles tem a ver com as formas de seleção, apresentação e mobilização de elementos estéticos relacionados às histórias bíblicas (cenários, linguagem, figurino, sonoplastia) para a recomposição destes nas filmagens dessas narrativas. O outro é a promoção comercial de “viagens bíblicas” que se utilizam, também, da referência à teledramaturgia bíblica produzida para a televisão. Embora mantenham certa autonomia enquanto fenômenos, estou interessado aqui em perceber a maneira como eles trazem implicações recíprocas e constituem um público comum, no sentido de reforçarem um circuito de produção de autenticidade e de vinculação baseado na construção das “paisagens bíblicas”. A aposta deste texto é a de que, pela atenção ao que “vem” e ao que “vai” nesse trânsito, se pode enfatizar como materialidades e significados são mobilizados como modos de conferir efeitos de autenticidade às iniciativas.

Com certo recuo temporal, pode-se identificar que iniciativas anteriores entrelaçam formas próximas de autenticação nos demais projetos movidos pela Universal e que trazem consequências para o debate sobre materialidades, publicização, arquitetura, Estado e religiões, como o Templo de Salomão e seu Jardim Bíblico e o Centro Cultural Jerusalém, no Rio de Janeiro (Giumbelli, 2014b, p. 203). Além disso, a IURD rea-

¹ Esta investigação é um recorte de minha pesquisa de doutorado em andamento, realizado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com orientação de Emerson Giumbelli e financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Agradeço aos professores Emerson Giumbelli, Fernanda Peixoto e Edilson Pereira os comentários e sugestões às versões anteriores deste trabalho. O texto é produto de diálogos fomentados no âmbito do “MARES – “Religião, arte, materialidade, espaço público: grupo de antropologia” (CNPq) –, a cujos membros agradeço a acolhida generosa.

liza visitas a Israel desde a comemoração dos seus 20 anos de existência, e o próprio bispo Macedo foi recebido pelo Ministro do Turismo salientando o desejo de “levar dezenas de milhares de pessoas anualmente para Israel” (Birman, 2003, p. 244). A construção de templos segundo um padrão estético bem definido (Gomes, 2011), produzindo exibição pública de uma fé monumentalizada (Giumbelli, 2014b) também traz essa referência: a própria sede mundial da Igreja Universal tem por objetivo ser uma “cópia perfeita da Jerusalém dos tempos de Jesus” e busca essa autenticidade na “exportação” de elementos de Israel tais como pedras e plantas (Contins; Gomes, 2008, p. 191).²

Esses eventos citados podem ser vistos como projetos que seriam outras faces do mesmo processo que envolve relações e reivindicações com e no espaço público e o âmbito da publicização (Warner, 2002; Engelke, 2013; Montero; Silva; Sales, 2018; Giumbelli, 2008, 2014b; Pereira, 2020). O que aponto como “publicização” parte da ideia de Warner (2002) de que há uma dissociação entre “o público” (enquanto totalidade social) e “um público” (uma audiência, circunscrito ao evento ou ao espaço compartilhado). O processo de constituição de coletividades mediante uma ação endereçada ao espaço público tem colocado desafios para uma investigação a respeito da religião (Engelke, 2013) e, no caso brasileiro, a Universal tem fomentado episódios importantes para a reflexão sobre as formas de atuação no espaço público por meio de projetos que visam instituir “públicos” (Montero; Silva; Sales, 2018; Pereira, 2020). Tal atenção aos modos de constituir públicos e de atuar em espacialidades e com base em espacialidades também contribui para análises que dessubstancializem uma visão antinômica entre “religião” e “espaço público”, procurando, ao contrário, perceber como esses elementos se conectam espacialmente.

Uma vez salientada essa continuidade em relação aos empreendimentos da Universal antes mencionados, e resguardando a diversidade de suas formas públicas de atuação, o objetivo aqui, baseado em meu material de pesquisa, é recortar certa especificidade do processo que implica as paisagens bíblicas, a saber, as diferentes formas de envolvimento da audiência que sua exibição propicia. De certo modo, o que está em

² A respeito do tema da “monumentalização” no espaço público movida por agentes ligados à Igreja Universal, conferir também o exemplo do Memorial do Holocausto no Rio de Janeiro, em texto de Edilson Pereira, neste volume.

jogo – tanto do lado de quem produz essas mídias de teledramaturgia quanto dos agentes envolvidos na promoção e no consumo das “viagens bíblicas” – são processos de seleção de imagens e de maneiras de olhar e interpelar espaços e materialidades, daí a importância de pensar a produção de ficção bíblica da Record e as “viagens bíblicas” em sua relacionalidade. Convém atentar, ainda, para o fato de que existem atravessamentos mercadológicos (como consumo e produção, índices de audiência televisivos, venda de pacotes de viagem) num recorte (as narrativas bíblicas) que está associado ao universo religioso. Assim, um debate que importa às reflexões propostas por este texto é o de pensar o que está sendo deslocado e como esses processos se acomodam, sem assumir, portanto, definições anteriores aos fenômenos sobre o religioso. Trata-se de atentar para as maneiras contingenciais pelas quais se dá a regulação do religioso (Giumbelli, 2013, 2014a) por meio de dimensões midiáticas, em que a questão da autenticidade ganha relevo (Meyer, 2018). Como se refere Machado:

Ao produzirem mídias religiosas [...] diferentes grupos não apenas formulam expressões de um conteúdo religioso estático, pronto e acabado, para uma determinada audiência ávida por recebê-lo como forma de confirmação de suas presumidas certezas. Em lugar disso, a relação entre religião e mídia aciona um processo dinâmico de produção e reinvenção desses próprios conteúdos religiosos, de seu lugar na esfera pública, da relação entre o religioso e o secular, do surgimento de audiências (inesperadas e mesmo inusitadas), [...] na formação de subjetividades, da produção de políticas públicas, e das relações de grupos religiosos e laicos com o “Estado”. (Machado, 2014, p. 141).

Em um conjunto de trabalhos, a antropóloga Birgit Meyer (2015, 2018, 2019a [2009], 2019b [2012]) centraliza parte de sua produção com base em um entendimento da religião enquanto mediação, que é envolvida em meios/mediações (*medias*), em sentido amplo, abarcando materialidades de diversos tipos e também meios de comunicação e a corporalidade. Em diálogo com essa perspectiva, o trabalho se reporta a alguns conceitos operadores formulados por Meyer, como formas sensoriais (*sensational forms*), compreendidas como:

[...] modos autorizados de organizar e invocar acesso ao transcendental que moldam o conteúdo (crenças, doutrinas, conjunto de símbolos) e as normas religiosas. Essas formas possuem um papel central na modulação dos praticantes como sujeitos religiosos, envolvendo-os em práticas particulares de culto e padrões de sentimento. Em consequência, formas sensoriais são parte de uma estética religiosa específica, a qual comanda um engajamento sensorial dos seres humanos entre si e com o divino, gerando sensibilidades específicas. As religiões atuam através de formas sensoriais historicamente geradas que são distintivas e que induzem padrões repetitivos de sentimento e ação. Essas formas se constituem com o tempo e estão frequentemente sujeitas a contestação e até mesmo ao abandono (como na Reforma Protestante, que substituiu a imagem pelo texto). Elas são, então, um excelente ponto de partida para a observação de processos de transformação religiosa. Mesmo se as religiões mobilizam numerosas formas sensoriais, certas destas alcançam um status especial que sustenta uma identidade religiosa distinta, como os ícones de veneração para os ortodoxos, a leitura da bíblia para os calvinistas, ou o “louvor e adoração” e a glossolalia para os pentecostais. (Meyer, 2018, p. 29-30).

Também me utilizo, de Meyer, da concepção de mediação (derivada da compreensão latouriana do mediador,³ distinto do mero intermediário em uma rede) e da estética da persuasão (*aesthetics of persuasion*). Pela expressão estética da persuasão, a autora enfatiza a estética segundo uma compreensão clássica (aristotélica) do termo, remontando a uma teoria da percepção e do engajamento sensorial enquanto uma operação de conhecimento que tem relação com as imagens, com as materialidades e com a percepção dos sentidos. Ao enfatizar como as religiões ocidentais estão embebidas em práticas de mediação e de como dependem delas para produzir “efeitos de verdade da religião” (2018, p. 37), Meyer enfatiza o efeito persuasivo das formas sensoriais. Quando forem

3 Sobre a distinção entre mediadores e intermediários na constituição de coletivos, ver Latour (2012). Ainda pensando com esse autor, suas elaborações sobre o engajamento contemporâneo com as imagens e suas consequências ambíguas para os campos religiosos, artísticos, políticos e científicos (Latour, 2005) também oferecem bons pontos de debate que influenciaram alguns argumentos deste texto. Por sua vez, o debate sobre materialidades e objetos como “assembleias” no sentido político do termo (Latour, 2008) oferece reflexões importantes para o tema das formas de vínculo, mediações materiais e política na contemporaneidade. As imagens e objetos atinentes ao “bíblico”, assim, poderiam ser pensados como formas de assembleia, mas também estariam sujeitos a contestação, caminhando no limite entre a iconoclastia e a iconofilia, que Latour identifica como uma tensão constitutiva da modernidade. No caso específico da religião e sua relação com as imagens, ver também Besançon (1997).

referidas neste texto questões de “autenticação” e “persuasão estética”, o que busco apontar é, com o apoio dessa bibliografia, como a autenticidade e a persuasão são processos que não são anteriores às mediações, mas estão sendo reatualizados continuamente e que as mídias em questão dependem fundamentalmente da construção de um sentido de autenticidade em relação ao “bíblico”. O objetivo é atentar para como as mediações “fazem fazer” certas formas de persuasão e são tidas como legítimas ou intentam assim ser para diferentes atores, num esforço que tem sua própria ordem e que intento aqui seguir.

Metodologicamente, o material aqui analisado provém dos próprios produtores destes itens culturais, as novelas e as viagens. Seria possível, sem dúvida, trazer materiais externos a esses agentes produtores e que os interpelam. Ao enfatizar, porém, aquilo que eles estão produzindo, este texto recorta percepções êmicas sobre o projeto e a promoção dessas “paisagens bíblicas”, assim como as chaves acionadas pelos seus produtores para aferir sua autenticidade e legitimidade.

Nas primeiras partes do texto, são destacadas as formas de mobilização, seleção e apresentação de elementos relativos às histórias bíblicas (cenários, linguagem, figurino, sonoplastia) que são recompostos na filmagem dessas narrativas no Brasil. Também discuto como a autenticidade e a grandiosidade são emicamente aferidas e significadas de modo a constituir um público para a teledramaturgia bíblica. Na terceira seção, enfoco o tema das paisagens estrangeiras como locais e ambiências para a conformação do tema bíblico partindo das questões anteriormente levantadas sobre a autenticação e a persuasão estética. Em seguida, discuto a promoção das “viagens bíblicas” para diferentes audiências com base na intersecção com a teledramaturgia bíblica brasileira, especialmente preocupado em perceber como as paisagens e os locais citados pelas teleficções bíblicas da Record produzem um sentido de “bíblico” autêntico e compartilhado. Na quinta seção, busco delimitar a proposição de seguir os “estados bíblicos”, formulação que procura pôr relevo em como esses processos possibilitam certa variedade de projetos e de reivindicações baseados na instituição de algo como “bíblico”. Essa instituição resultaria na produção de um “estado” novo originado dessas operações, com ênfase na performance. Em termos de

inspiração teórica, a elaboração da análise dos “estados bíblicos” é realizada cruzando o tema da estética e da performance com os trabalhos de Spivak e Butler (2018) e de Foucault (2009). O intuito é salientar como este debate clássico na filosofia sobre as relações entre estética e política pode ser retomado acionando produções contemporâneas que abordam o pertencimento, a ocupação do espaço público e a criação de condições e “estados” que são sensoriais e constituem modos de relação com materialidades e localidades, podendo ser compreendidos, também, como mediações, para retomar o debate com os trabalhos de Birgit Meyer.

Constituir públicos e reconstituir materialmente “a bíblia”

Olá, eu sou o Cauã e tenho dez anos. Venho através dessa carta para pedir que o Senhor realize o meu sonho de conhecer os bastidores da novela *Os Dez Mandamentos*. Não deixo de assistir nenhum capítulo, pois sou muito fã dessa história. Por favor, realizem este meu sonho. Muito obrigado.

Com esta mensagem, o garoto Cauã, morador de São Paulo, era apresentado ao público do programa *Balanço Geral*, da Record TV, exibido ao meio-dia, com temas jornalísticos, policiais e de entretenimento. A reportagem foi veiculada em 1º de fevereiro de 2016 e começa com Cauã vestindo uma roupa que ele próprio teria confeccionado com o auxílio de sua mãe “igualzinha à dos egípcios da novela *Os Dez Mandamentos*” (imagem 1).

A edição da reportagem (Balanço Geral, 2016) de mais de dez minutos é bastante sugestiva, mesclando cenas da novela com imagens de Cauã e sua roupa “de egípcio”. Quando perguntado pelo repórter sobre quais seriam suas personagens favoritas na novela, ele menciona quatro. Entre eles, Moisés, o herói da narrativa, e Amenhotep, o filho do algoz de Moisés, Ramsés. Durante a entrevista, ele está vestindo roupas comuns, mas o repórter convida-o a mostrar os figurinos que ele confeccionou, o que faz Cauã retornar com uma roupa muito parecida com a do figurino do filho do faraó Ramsés.

O programa levou Cauã e sua mãe de São Paulo aos estúdios da Record no Rio de Janeiro, que o repórter caracterizou como “a cidade

dos sonhos do Cauã”. O menino é convidado a conhecer o setor de figurino da produção da novela e conversa com a coordenadora do setor no programa, mostrando a ela a roupa que ele mesmo havia feito com a ajuda da mãe. O programa mostra o menino andando pelas araras dos figurinos, onde podem ser vistas placas com os nomes dos atores e dos personagens junto às indumentárias correspondentes.

Depois disso, o repórter anuncia que o menino ainda não conheceu “o líder dos hebreus” e o leva à sala de caracterização, perguntando “Será que Moisés está aí?”. Eles entram juntos na sala e o menino caminha até o ator Guilherme Winter (Moisés), que está recebendo os apliques de cabelo e barba de seu personagem. O menino abraça fortemente o ator, que o agradece pelo carinho e conversa um pouco com Cauã: “Tá vendo o processo que é? Quanta peruca, quanta barba... todo dia é esse processo, pra virar aquele Moisés que você vê”. Cauã também é convidado pelo ator a colar parte da sua barba. O momento final da reportagem é o da “transformação” de Cauã, que passa a trajar o figurino “egípcio” confeccionado pela própria emissora. “Um momento mágico”, anuncia o repórter.

Imagem 1 – Cauã em sua roupa de egípcio confeccionada em casa com repórter da Record (Balanço Geral, Record)



Fonte: Balanço Geral (2016).

Ele é convidado a caminhar pelos estúdios e conhecer equipamentos, atores, figurantes e cenários, sendo que o ponto final do percurso é o cenário do palácio do faraó Ramsés. Cauã é filmado posando sentado no trono do personagem faraó e cenas da novela com o ator Sérgio Marone, intérprete de Ramsés, são intercaladas com as de Cauã no mesmo local. “Voltamos alguns milhares de anos no tempo”, anuncia o repórter encerrando a reportagem com imagens alternadas de Cauã nos cenários do palácio de Ramsés com cenas da novela, na sequência em que o Mar Vermelho é aberto pelo cajado de Moisés (imagem 2):

O faraó Cauã e nós do *Balanço Geral* já estamos no clima desse momento que foi literalmente um divisor de águas da história da humanidade. E a recriação desse momento é também um divisor de águas na história da televisão brasileira: é a primeira vez que uma emissora aqui do país recria com toda essa *grandiosidade* esse momento tão importante da bíblia. Hoje à noite tem mais um capítulo de *Os Dez Mandamentos*. (grifo nosso).

Imagem 2 – Cauã posando no cenário da novela, no trono do faraó Ramsés (Balanço Geral, Record)



Fonte: Balanço Geral (2016).

Este tipo de veiculação pela emissora, que produz as telenovelas e séries bíblicas de que trato aqui, não é um ponto fora da curva na sua programação de jornalismo e entretenimento. Com alguma frequência, programas como *Hoje em dia* (jornalismo e entretenimento, exibido pelas manhãs durante a semana) e *Domingo Espetacular* (jornalismo, nas noites de domingo, concorrente do *Fantástico*, da TV Globo) veiculam aproximações com o setor de dramaturgia da emissora.⁴ Trata-se de um material que busca frequentemente selecionar elementos das séries e telenovelas bíblicas e aproximá-los dos públicos, não raro com um ar historiográfico ou arqueológico, de modo a explicar relações das narrativas apresentadas com questões históricas e culturais, inclusive com a presença de especialistas nos temas situados. Também há reportagens como aquelas com que abri esta seção, indicando outro tipo de aproximação: relacionando o público com a telenovela, bem como reportando “êxitos” comerciais como recordes de audiência, exibições internacionais e a repercussão da versão em filme de *Os Dez Mandamentos*, cujas expressivas bilheterias foram alvo de controvérsia por setores que cobrem o cinema no país.⁵

Mas há outro tipo de apresentação das séries e novelas bíblicas, que talvez esteja na intersecção entre a celebração do seu êxito comercial (por seus próprios produtores) e este enquadramento nas narrativas como concernentes ao presente, como coisas relevantes ao momento atual embora sejam “históricas”. Refiro-me às reportagens que intentam salientar a monumentalidade das produções, da sua “grandiosidade” técnica, das viagens e importações que tais produções demandaram, bem como dos aspectos de reconstituição dessas narrativas nos estú-

4 Alguns exemplos a fim de ilustrar essa veiculação de temas bíblicos com base nas séries e novelas bíblicas na programação jornalística e de entretenimento da Record podem ser vistos em: “Saiba mais sobre algumas das tribos de Israel” (tematizadas em *A Terra Prometida* e reportagem do matinal *Hoje em Dia* em 23 de agosto de 2016 e disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bKXpz1Nauyc>); “As explicações da ciência para a abertura do mar Vermelho” (evento importante em *Os Dez Mandamentos* e reportagem do jornalístico *Domingo Espetacular* em 2 de novembro de 2015, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vwcvuBQLpZQ>); “Saiba como eram as ceias de Natal na época da Bíblia no [quadro] *Mitos e Verdades*”, também do *Domingo Espetacular*, em 17 de dezembro de 2017, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5psMnUsSxio>; e “Jóias das egípcias de *Os Dez Mandamentos* fazem sucesso entre cariocas”, em que aparecem bijuterias inspiradas nas personagens da novela no comércio popular da Saara, Centro do Rio de Janeiro, no Balanço Geral do dia 3 de setembro de 2015 (disponível em <https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/joias-das-egipcias-de-os-dez-mandamentos-fazem-sucesso-entre-cariocas-17022020>). Acessos em: jul. 2020.

5 Em números de bilheteria, o filme *Os Dez Mandamentos* teria vendido 11,269 milhões de ingressos, sendo o filme nacional mais visto da história até ser batido pela comédia *Minha mãe é uma peça 2*, em 2017 (ver <https://www.terra.com.br/diversao/cinema/minha-mae-e-uma-peca-2-ultrapassa-renda-de-os-dez-mandamentos-o-filme,8750f-7f49411829fa55790c3cf1ccce2ns8iq7y9.html>).

dios da emissora no Rio de Janeiro. Estou me referindo aos esforços de reconstituição pela cenografia, linguagem, figurino, efeitos especiais e sonoplastia das histórias pela emissora brasileira.

Importante destacar que o ciclo de teledramaturgia bíblica é um empreendimento movido pela Record TV desde 2010 com relativa estabilidade, tendo se consolidado como um “estilo” de teledramaturgia, no horário nobre da emissora.⁶ Apesar das diferentes repercussões de cada produto, existe uma permanência na sua exibição em horário nobre. Inicialmente foram exibidos em horários secundários da veiculação de teleficção, na forma de minisséries (às 23h, com *A História de Ester*, *Sansão e Dalila*, *Rei Davi* e *José do Egito*, respectivamente em 2010, 2011, 2012 e 2013) e uma série semanal (no mesmo horário, *Milagres de Jesus*), até serem implantadas como telenovelas em 2015, com *Os Dez Mandamentos* (às 20h30), centralizando a grade noturna da Record. As novelas seguintes a *Os Dez Mandamentos* (*A Terra Prometida*, *O Rico e Lázaro*, *Apocalipse*, *Jesus*) não tiveram tanto êxito quanto esta. No contexto da pandemia de Covid-19, as gravações de duas novelas então no ar (não bíblicas, mas com supervisão de texto de Cristiane Cardoso, roteirista e filha do bispo Edir Macedo) foram canceladas e reprises estão sendo veiculadas às 20h30 e às 21h30 (*Apocalipse* e *Jesus*, respectivamente).⁷

O papel da linguagem na autenticação de cenas “bíblicas”

Gente, aqui atrás de mim nós temos o Templo de Herodes. Aqui são 3 mil metros de cidade cenográfica, são 55 cenários que podem sofrer alterações ao longo da novela. Do lado de cá estou vendo uma galera preparando o figurino, fazendo a lavagem das roupas com chá para ficar como as roupas eram naquela época.

6 Abordei em outro trabalho (Scola, 2017) a existência de um tipo distinto de teledramaturgia de tema religioso (minisséries curtas e ambientadas contemporaneamente, marcadas pelo pouco êxito e baixo investimento de produção, se comparadas com as mídias aqui tratadas) anterior ao ciclo que abordo aqui e que teve espaço na programação da Record entre 1997 e 1998. Contudo, entre aquelas produções, duas delas podem ser vistas como antecessoras que já anunciavam elementos presentes nesse movimento, que viria a partir de 2010, e que foram as últimas incursões de séries religiosas daquele período: *O Desafio de Elias* e uma primeira versão de *A História de Ester*. Para essas produções e seus contextos, ver Scola (2017) e Oosterbaan (2003).

7 *Apocalipse* foi reprisada de forma compacta entre os dias 21 de abril e 21 de setembro de 2020 às 20h45 em 110 capítulos. *Jesus* teve sua reexibição iniciada em 14 de abril de 2020 às 21h30.

Esta foi a fala da apresentadora da emissora Ana Hickmann ao mostrar parte dos cenários da novela *Jesus*, em reportagem veiculada em 23 de julho de 2018 no programa *Hoje em dia*.⁸ “Nós vamos conhecer a cidade cenográfica, a grandiosidade disso tudo, e também o realismo dessa produção que estreia terça-feira, às 20h e 45 da noite!”, “a história do homem que mudou a humanidade”. As palavras “grandiosidade” e “realismo” são frequentemente mencionadas na reportagem. Vejamos como determinados itens são apresentados como uma “retratação” dos tempos bíblicos, segundo os diferentes materiais mobilizados em torno dessas produções e os sentidos mais comumente acionados nessas formas de publicização.

Como veremos, um trabalho importante em direção à questão da autenticidade do ponto de vista dos produtores dessas mídias tem relação direta com as formas de linguagem. Isso se dá tanto na linguagem visual (paisagens, figurinos e cenografia) como também em paisagens “sonoras” da bíblia, o que envolve a linguagem utilizada nos diálogos para as personagens, bem como a sonoplastia e as músicas empregadas para compor as cenas.

Um ponto que considero importante em relação à busca por realismo na performance dessas produções é a presença da língua hebraica em determinadas narrativas, como em *Os Dez Mandamentos*. Personagens cantam em hebraico em determinadas cenas, o que parece ter uma importância na performance da verossimilhança. Quer dizer, embora o roteiro esteja em português, o cantar em hebraico empresta legitimidade, afinal, se está assistindo a uma história da libertação do povo hebreu. O jornalístico da Record *Domingo Espetacular* noticiou também o mesmo esforço de colocar o hebraico em circulação pela novela com a reportagem “Músicas de *Os Dez Mandamentos* conquistam fãs de todo o Brasil” (31 de março de 2016).⁹ Nela, menciona as canções de ninar com que uma mãe acalanta sua criança. Nestes momentos, uma legenda em português aparece na cena. Atores também tiveram que aprender a cantar em hebraico em alguns momentos da novela.

⁸ “Ana Hickmann passeia pela cidade cenográfica da novela Jesus”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BX3fteYcrHQ>. Acesso em: jul. 2020.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=snYPMsD72ig>. Acesso em: jul. 2020.

Imagem 3 – Personagem Miriã (Larissa Maciel) canta em hebraico enquanto toca uma pequena harpa (Domingo Espetacular, Record)



Fonte: Domingo Espetacular (2016).

Em relação à ambientação sonora dessas mídias, há de se salientar a existência de uma comunidade de fãs da novela *Os Dez Mandamentos* que gravam os cantos dos personagens em hebraico e os disponibilizam em *playlists* em plataformas como o YouTube.¹⁰ Nelas, se destacam os vídeos em que a atriz Larissa Maciel (Miriã, irmã de Moisés) toca harpa e canta a Deus (imagem 3). A atriz comentou o êxito junto ao público: “As pessoas ficam emocionadas quando escutam o canto da Miriã”.¹¹ Nos links citados, percebe-se nas descrições dos vídeos o esforço de aproximar os cantos entoados na novela de distintas audiências, com a disponibilização da letra “no original hebraico” e em versões não só em português, mas em espanhol, inglês e francês.

E o tema romântico central da mesma novela (do casal Moisés e Zípora) possuía versão em português e em hebraico. A música “No poço te encontrei” foi composta por Daniel Figueiredo e Renato Cardoso (bispo da Universal e genro de Edir Macedo, também atuante no

¹⁰ Um exemplo disponível no momento (agosto de 2020) pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=G-foC7F-pHA4&list=PLrT74sGH1f9qLNMq5oEgRRGNKt6Tgpof>. Acesso em: jul. 2020.

¹¹ “Larissa Maciel comemora sucesso de Miriã em novela da Record”, 12 de maio de 2015. Disponível em: <https://www.falabarreiras.com/sem-categoria/larissa-maciel-comemora-sucesso-de-miria-em-novela-da-record/>. Acesso em: jul. 2020.

meio musical com álbuns e DVDs próprios) e cantada, em português por Moysés Macedo e, em hebraico, por Fortuna (nome artístico de Fortunée Joyce Safdié), apresentada ao público como cantora brasileira e judia, que morou em Israel por dois anos e que pesquisa o cancionário sefardita desde 1992. Na reportagem, a cantora relata que o êxito da canção no Brasil vem do fato de a conexão ser “muito forte” e que “a música não tem fronteiras, se comunica de coração para coração” (Domingo Espetacular, 2016).

A música também recebeu uma versão para o espanhol (“En el pozo te encontré”) que embala as cenas do casal no mercado hispânico pelo qual a novela passou. No vídeo disponibilizado no canal do YouTube da Record com o clipe da música,¹² encontram-se vários comentários de espectadores latino-americanos saudando a novela. Um primeiro usuário escreve: “Impresionante tema, este sera mi cancion cuando me case”. Em outro, lê-se “que linda música, Dios le bendiga. Moises y los diez mandamientos es la mejor serie que he visto, desde Peru”. Outro comentário ao vídeo chama a atenção para o uso da música no casamento de uma parenta do usuário: “hermoso. mi tía se casó con esa canción como no estaba presente como ella vive lejos”.

Moyses Macedo, cantor do tema mencionado, é filho adotivo de Edir Macedo e de sua esposa Ester,¹³ tem uma carreira artística gospel estabelecida e músicas suas integram a trilha sonora de *Os Dez Mandamentos* e de *Jesus*. Dois dos comentários do vídeo citados acima falam da execução de “No poço te encontrei” em casamentos. A reportagem do *Domingo Espetacular* voltada ao “encanto dos brasileiros pelas músicas em hebraico” também noticia o mesmo fato: “A versão foi tão bem recebida que passou a ser usada em cerimônias de casamento em todo país” (Domingo Espetacular, 2016). Em seguida, são utilizadas imagens de cerimônias de casamentos disponibilizadas na internet em que três casais usam essa música. A reportagem relata que “eles não se conhecem, todos celebram a união com a mesma trilha”.

O tema romântico de *Os Dez Mandamentos* deixa ver conexões possíveis entre linguagem, autenticidade e sonoplastia. Deste modo,

12 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lsMKi_fq7IE. Acesso em: jul. 2019.

13 Disponível em: <https://blogs.universal.org/bispomacedo/historia-do-bispo/a-chegada-do-filho-moyses/>. Acesso em: jul. 2019.

a produção musical relacionada à teledramaturgia bíblica torna-se um índice para pensar as formas de enquadramento e de elaboração por diferentes agentes. Como a produção a respeito da “música gospel” (Cunha, 2014) já havia salientado, teria ocorrido uma passagem, no meio evangélico, de uma ênfase cristocêntrica neotestamentária a uma ênfase teocêntrica veterotestamentária (Cunha, 2014, p. 14) – passagem esta em que a produção de mídias (música e audiovisual) tem forte importância. Além disso, Cunha fala da ornamentação de templos e de instrumentos musicais (como o *shopar*, de origem hebraica, feito de chifre de carneiro) na música evangélica.

No caso das séries bíblicas, existe também um trabalho de encomenda de pesquisa linguística e histórica com a participação de vários especialistas. Dentre os que consegui rastrear até o momento, destacaria Marcella Castor, apresentada em entrevista com Vivian de Oliveira¹⁴ como consultora de hebraico e especialista no Antigo Testamento e na cultura judaica. Marcella é formada em Letras Hebraico pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e ministra cursos on-line numa plataforma chamada Bnei Roma. O site do empreendimento fala da sua proposta para além da religião, mas com base na Bíblia.¹⁵

O que se ensina na Bnei Roma? Aqui na Bnei Roma ensinamos a Bíblia a partir dos Idiomas Originais (Hebraico, Aramaico e Grego), da História, da Arqueologia, da Antropologia, da Filosofia e da Literatura, mas não ensinamos do ponto de vista da Teologia e não ensinamos do ponto de vista da Religião.

A Bnei Roma pertence a alguma religião? Não!

Então, por que é uma Escola Bíblica? Porque amamos a Bíblia, somos fascinados por ela e pela maneira como ela influencia o mundo moderno. Porque apesar de todos os problemas que a religião já causou, apesar de todas as dúvidas impostas sobre sua composição, ela continua sendo o livro mais vendido e lido do mundo.

A ideia de uma “Bíblia” que excede um sentido restrito de “religião”, conforme elaborado pela organização a que se vincula a consul-

14 Vivian de Oliveira é a autora e roteirista titular de grande parte das novelas e séries produzidas pela Record desse ciclo bíblico, tendo trabalhado em *A História de Ester*, *Rei Davi*, *Os Dez Mandamentos* e *Apocalipse*, até a sua saída da emissora em 2018.

15 Cf. <https://br.linkedin.com/in/marcella-castor-232b912b> e <https://www.bneiroma.com/quem-somos>. Acessos em: jul. 2020.

tora de hebraico da Record, tem grande afinidade com a forma como a empresa Viagens Bíblicas se apresenta à audiência, como será abordado em outra seção do texto.

Produzindo presenças bíblicas com mediações “grandiosas”

Voltando à questão da busca pela “grandiosidade” na reconstituição dos locais e passagens bíblicas, um âmbito que parece bastante mobilizador é o dos efeitos especiais, procedimento em que *Os Dez Mandamentos* se destacou. A emissora fez parceria, então, com uma produtora norte-americana: a Stargate, que tem no currículo projetos de efeitos visuais em produções como *Spartacus* e *The Walking Dead*. Ela criou para a Record cenas emblemáticas, como a abertura do Mar Vermelho e a infestação de rãs e gafanhotos no Egito (Izel, 2017). Para *Apocalypse*, foram buscados especialistas nacionais em efeitos especiais. Segundo matéria de Adriana Izel no *Correio Brasiliense* de 24 de dezembro de 2017, o objetivo era apresentar desastres e catástrofes ao público baseados em exemplos reais, reproduzindo tsunamis e terremotos.

Diferentemente do que aconteceu em *Os dez mandamentos*, a emissora buscou profissionais brasileiros para os efeitos especiais: uma equipe com 400 pessoas em São Paulo que trabalham unindo técnica e a arte para buscar a verossimilhança nas cenas. O desafio era mostrar efeitos visuais de coisas que não aconteceram, não de coisas que, supostamente, já aconteceram, explica Solange Cruz, diretora de efeitos visuais de *Apocalypse*. Logo no primeiro capítulo, a novela mostrou uma cena que utilizou diferentes tipos de efeitos durante um tsunami que devastou uma praia e deu início à história. Esse foi o primeiro desastre mostrado no folhetim, em uma cena que contou com ajuda de engenheiros, dublês e diversas filmagens, sendo uma delas em Angra dos Reis e outra na sede da emissora, no Rio de Janeiro. Essa última contou com painéis de cromaqui, três rampas que disparavam 27 mil litros de água, uma piscina de 100 metros de comprimento com entulhos, galhos de árvores e carros; tudo isso em seis dias de gravação para apenas 30 segundos de cena. (Izel, 2017).

O desastre citado no trecho acima, e que ocupava parte do primeiro capítulo de *Apocalypse*, acontecia, na trama, na Ásia, mas foi gravado em Angra dos Reis, com o uso de efeitos especiais. A novela tinha núcleos de personagens em Jerusalém, Roma e no Rio de Janeiro, reproduzidos em cidade cenográfica. O processo de localização dos cenários para exibição em locais “onde se passa a bíblia” é, assim, produzido segundo uma leitura que não é totalmente literal, a qual implicaria gravações exclusivamente nesses locais. O procedimento adotado aqui é o da reconstituição, da recriação em cenários das paisagens e ambientes que remetem àqueles lugares. Na verdade, é possível reconstituir as paisagens bíblicas estando parcialmente nesses locais, em viagens e frentes de gravação contingentes em lugares como o Marrocos, o Egito e a Jordânia. E voltar aos estúdios no Rio de Janeiro, para as cenas de cidade cenográfica e cenários, estes também reconstituídos dentro da lógica da “grandiosidade”. É o caso, por exemplo, da novela *Jesus*, que teve gravações em Ouarzazate, no Marrocos, próximo do deserto do Saara. A região é famosa pelo turismo decorrente da ambientação de produções audiovisuais, como *Lawrence da Arábia*, *Gladiador* e *Game of Thrones*.¹⁶

No caso da produção mais exitosa desse ciclo até o momento, *Os Dez Mandamentos*, as gravações ficaram restritas ao Brasil e à América Latina. Foram gravadas cenas em Guarapuava, interior do Paraná, em uma região de trigais; a passagem da abertura do Mar Vermelho foi reconstituída com efeitos especiais, mas gravada numa fazenda em Itaguaí, Rio de Janeiro, em longas madrugadas (‘Os Dez...’, 2015).¹⁷ No âmbito internacional, destacam-se as filmagens realizadas no Chile, como no vilarejo São Pedro do Atacama. Segundo o portal R7, as equipes técnicas da novela plantaram no lugar cerca de mil metros quadrados de totora e junco para reproduzir a vegetação original do rio Nilo, no Egito. Ali, o rio chileno Loa fazia as vezes do Rio Nilo.¹⁸

O recurso a locações internacionais e a efeitos especiais é utilizado principalmente em momentos-chave das produções. Essas gravações se dão segundo critérios de organização pela produção bem definidos: a

16 Disponível em: <https://recordtv.r7.com/2018/06/28/record-tv-inicia-gravacoes-da-novela-jesus-em-marrocos/>. Acesso em: jul. 2020.

17 Sobre as filmagens no Paraná, ver <https://portalovertube.com/noticias-da-tv/elenco-da-novela-os-dez-mandamentos-grava-em-guarapuava>. Acesso em: jul. 2020.

18 Disponível em: <https://recordtv.r7.com/os-dez-mandamentos/fotos/veja-os-detalhes-das-gravacoes-de-os-dez-mandamentos-no-chile-15092018#!/foto/5>. Acesso em: jul. 2020.

seqüência da via crúcis da novela *Jesus* gravada em Ouarzazate no Marrocos, por exemplo, embora tenha sido exibida na reta final, foi gravada antes mesmo de a produção começar a ir ao ar (imagem 4).

Imagem 4 – Sequência gravada no Marrocos da novela *Jesus* (R7/Record TV)



Fonte: Record TV... (2018).

Em depoimento ao jornal *Extra*, o ator Dudu Azevedo (intérprete de Jesus) falou sobre os desafios da seqüência.

— Tivemos algumas diárias para gravar a Via Crúcis. Foram momentos muito difíceis, mas eu me sentia feliz e emocionado ao fim de cada gravação. Até porque a nossa profissão exige talento, sem dúvida, e vocação. Mas também perseverança. Cada dia a gente está num lugar diferente com condições diferentes. Então é importante não esmorecer — afirma Dudu: — Enfrentei uma sensação térmica de 53 graus, com uma maquiagem pesada e carreguei uma cruz de 70 quilos.¹⁹

¹⁹ Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/a-via-crucis-em-jesus-veja-fotos-do-sofrimento-de-dudu-azevedo-em-cena-23556090.html>. Acesso em: jul. 2020.

As gravações em distintas locações iriam, então, voltar à Record no Brasil para serem editadas junto a outras sequências filmadas nas cidades cenográficas e estúdios; como dito antes, nesses espaços também está em curso um empreendimento de grandiosidade, no recurso de grandes espaços destinados nos cenários e nos esforços em constituir essas mídias como “superproduções”. Estas maneiras de produzir “presença autêntica” bíblica pela via da materialidade (Meyer, 2019b [2012]), de modo grandioso e monumental, parecem fundamentais para a operação que aqui analisamos, tendo em vista a participação qualificadora das mediações citadas para a autenticação de algo como “bíblico”.

É possível atentar, ainda, para a “remediatização” desses elementos, em função de sua circulação, também material. Por remediatização, entendendo a produção de novas mídias com base nessas já existentes, pensando especialmente no que é produzido por meio do acesso do público a essas mídias em imagens e o engajamento presencial com elas. Cito o caso da “Exposição Os Dez Mandamentos” (imagens 5 e 6), que viajou pelo Brasil em shoppings entre 2016 e 2019, com “figurinos usados na novela e estátuas dos personagens que conquistaram o Brasil”.²⁰ A exposição teve entrada gratuita, conforme dados disponíveis no Portal R7, e era apresentada ao público com os seguintes módulos.

A mostra, que leva o nome da produção bíblica, terá cerca de 50 itens e está dividida em oito módulos, que [tem] início no *Portal*, com estátuas que estavam na entrada do palácio. [...] O público também poderá ver de perto um sarcófago fechado, uma vitrine com joias da múmia, o cajado de Moisés usado na abertura do Mar Vermelho e a tábua com *Os Dez Mandamentos*. Na área central da mostra está a quinta seção, com estátuas de cera em tamanho real dos principais personagens da trama: Ramsés, Moisés, Nefertari. Há ainda as áreas da *Vila dos Hebreus*, com os figurinos dos escravos Anrão e Amália e a Sala das Amas, que exhibe vestimentas da vilã Yunet, joias e ainda a roupa de uma meretriz. No módulo *Moisés Egípcio*, são exibidos o cesto em que o herói foi encontrado pela princesa egípcia Henutmire e peças usadas por ele na infância e na juventude vivida no palácio [...]. (grifo do autor).²¹

20 Disponível em: <https://entretenimento.r7.com/pop/exposicao-de-os-dez-mandamentos-chega-ao-rio-de-janeiro-06102019>. Acesso em: jul. 2020.

21 Ibid.

Imagem 5 – Exposição de *Os Dez Mandamentos* em São José dos Campos, Shopping Vale Sul (R7)



Fonte: Record abre... (2016).

Nas redes sociais, podem ser encontrados numerosas fotos com a *hashtag* “ExposiçãoOsDezMandamentos” (no Instagram, por exemplo), com registros das pessoas interagindo com a exposição.

Imagem 6 – Exposição de *Os Dez Mandamentos* no Rio de Janeiro, no Parque Shopping Sulacap (R7)

R7 POP | Exposição de Os Dez Mandamentos chega ao Rio de Janeiro



Fonte: Exposição... (2016).

Conforme aponta Gama (2012), a produção de imagens por grupos sociais pode ser compreendida como um processo criativo que salienta a imaginação como uma prática social (Appadurai, 2004). Voltarei a este tema, mas gostaria de sublinhar aqui que a apresentação (pela emissora) de algo como bíblico ou relativo à bíblia, a participação visual (pelas audiências) e engajamento sensorial (com uso de músicas das trilhas, visitação a exposições e o acompanhamento das paisagens e efeitos especiais, que são apresentados como concernentes à bíblia) se dão por meio de mediações heterogêneas. Tais mediações possibilitam adaptações, com filmagens fora das regiões estritamente bíblicas, mas que são *próximas* ou *adequadas* do ponto de vista estético. As mediações acionadas também possibilitam circulações, como os cenários e figurinos que se aproximam ainda mais do público em exposições gratuitas. E diante do caso em exame, os meios empregados não tiveram suas mídias rejeitadas (Meyer, 2015), mas, ao contrário, têm êxito ao operarem como estéticas da persuasão (Meyer, 2018).

De um ponto de vista materialmente orientado, como o de Birgit Meyer, que influencia esta análise, a questão da autoridade na produção

de mediações também é importante, tendo em vista que a adição de “novas mídias” a determinadas práticas tidas como religiosas incorre em riscos de rejeição e de negociação diante do inédito (Meyer, 2015). Em suas elaborações sobre a “estética da persuasão”, a autora aponta que existe um forte trabalho nas tradições religiosas de, por meio das mídias, sancionar “presenças” religiosas (Meyer, 2018, p. 26), as quais se dão mediante materialidades sancionadas pelo grupo. Ao salientar que possibilidades de adesão, negociação e rejeição estão em jogo para os exemplos acima tratados, e tendo em vista um conjunto de reações de interesse por um grande número de agentes, percebe-se um êxito na constituição de públicos (Warner, 2002) e na aceitação de certas mediações como legítimas ou adequadas do ponto de vista da persuasão estética baseada na aferição da autenticidade e da grandiosidade.

Da reconstituição bíblica à experiência in loco

Israel, Jordânia, Egito. Pensando do Brasil, o que se pode aferir sobre como tais países inspirem um público brasileiro a visitá-los? O enquadramento de destinos citados enquanto “lugares bíblicos” tem sido uma operação movida por diferentes agentes e, além do turismo, o que em ciências sociais costuma ser chamado de indústria cultural (filmes, televisão, literatura de massas) também parece ter participação nesse processo. O turismo brasileiro a esses países vem crescendo nos últimos anos. Segundo dados da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira, a Jordânia recebeu 18.654 turistas brasileiros ao longo de 2019, um aumento de 49,9% sobre 2018. O Egito teve em 2018 mais de 20 mil turistas brasileiros, de acordo com o *Jornal de Brasília*, um aumento de 59% no interesse se comparado a 2017 – isso apesar de não haver, até então, voos diretos do Brasil ao Egito. Israel tem números ainda mais expressivos: em 2019, cerca de 82,1 mil brasileiros visitaram o país (foram 5,1 mil só em dezembro), 31% a mais do que em 2018 e com crescimento de 50% nos dois últimos anos, terceiro aumento anual consecutivo.²²

²² Sobre os dados relativos a Jordânia, ver <https://anba.com.br/numero-de-turistas-brasileiros-na-jordania-aumentou-50>; para o caso do Egito, conferir <https://jornaldebrasil.com.br/mundo/egito-quer-atrair-mais-turistas-brasileiros-em-2019>; e para Israel, <https://diariodoturismo.com.br/israel-fecha-2019-com-recorde-historico-de-turistas>. Acessos em: jul. 2020.

Os três países receberam atores do elenco de produções bíblicas da Rede Record recentemente para campanhas da empresa Viagens Bíblicas e produziram o material que analisaremos nesta seção. Essa empresa não é a única que traz a ideia de viagem bíblica no título e em seus roteiros. Para fins de comparação, a Terra Santa Viagens fomenta um turismo mais assumidamente religioso, com mais destinos do que a Viagens Bíblicas: além do Egito, de Israel e da Jordânia, os pacotes incluem a Turquia e a Grécia.²³ Essa empresa assume também a valorização da “inclusão social, da educação, da evangelização e do desenvolvimento dos indivíduos com os quais se relaciona”. Na apresentação do site, a Terra Santa Viagens se coloca ainda como um empreendimento produto da “missão” por seus donos: “Em 2008, através de um chamado de Isaías 43:6, os empresários entenderam o turismo religioso como uma missão e decidiram criar a Terra Santa Viagens”.²⁴ Observa-se que a empresa oferece também pacotes específicos para pastores e descontos a este público em viagens.

A Viagens Bíblicas, que levou os atores de *José do Egito* e de *Jesus* a alguns dos locais de seus pacotes turísticos, adota um discurso em que as palavras sobre religião são bem menos frequentes. A presença dos atores nas viagens está registrada em *vlogs*²⁵ de viagem disponíveis no site da empresa e na plataforma YouTube. Junto a alguns atores, aparecem acompanhantes, como a esposa do ator Dudu Azevedo, sempre orientados de guias que falam português – o que é um diferencial promovido pela empresa em seu site.

No vídeo²⁶ sobre a viagem à Jordânia, os dois destinos são a cidade de Petra e o deserto de Wadi Rum. Na primeira, Dudu Azevedo (papel-título em *Jesus*) e Ricky Tavares (José em *José do Egito*) são acompanhados pelo guia turístico na “cidade rosa”, como é conhecida. Petra também é situada como uma das novas sete maravilhas do mundo. No deserto de Wadi Rum, os atores recebem um jantar típico de comida beduína e são instalados numa tenda. O guia salienta o fato de a região não ter bom sinal de celular e de internet, o que facilitaria a introspecção, a fruição do momento e da paisagem. Este estado ajudaria a “esquecer a vida normal” e “desligar”.

23 Disponível em: <https://terrasantaviagens.com.br/locais-visitados/#>. Acesso em: jul. 2020.

24 Disponível em: <https://terrasantaviagens.com.br/sobre-a-terra-santa-viagens/>. Acesso em: jul. 2020.

25 Espécie de blog em vídeo. Ou seja, o produtor de conteúdo – o vlogger ou vlogueiro – escolhe alguns temas, faz produções audiovisuais a respeito deles e publica na web, em espaço próprio. Geralmente, esses vídeos são postados em plataformas como o YouTube e Vimeo.

26 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W7kz1J8Ey6s>. Acesso em: jul. 2020.

O destino principal da viagem do elenco ao Egito é a cidade de Luxor. O vídeo²⁷ começa com os atores sendo acompanhados no aeroporto do Cairo. Ricky Tavares comenta que estão chegando em “mais uma cidade, (para) mais histórias da humanidade”. Os atores conhecem o Templo de Luxor e de Karnak, que são, nos conta um guia narrador, o terceiro destino mais procurado do Egito, depois do Monte Sinai e das pirâmides de Gizé.

Há ainda um vídeo²⁸ mais geral e que mostra um abrangente pacote de viagem, que contempla conhecer o Egito e Israel em dez noites: duas no Cairo, duas na Galileia, uma no Monte Sinai, quatro em Jerusalém e uma no Mar Vermelho.²⁹ O pacote que inclui passagens aéreas partindo de São Paulo, passeios com guias especializados e que falam português, as refeições de café da manhã e jantar e a hospedagem em hotéis, para a data de saída de 9 de novembro de 2020, custa R\$ 18.645 por pessoa (ou, em dólares, U\$3.300). A empresa traz em seu material o apoio do Ministério do Turismo de Israel. Também é enfatizado que turistas brasileiros não precisam de visto para a entrada em Israel, e essa é uma obrigação somente para a visita ao Egito – o que torna pacotes apenas para Israel interessantes. A empresa, porém, ainda pode providenciar o visto para o Egito aos clientes.

O vídeo sobre esse pacote turístico tenta resumir a quantidade de experiências possíveis que a viagem propiciaria. Ela é caracterizada como “Um roteiro baseado no Êxodo e na vida de Jesus”, em que as pessoas vão “visitar os locais dos mais importantes acontecimentos históricos, arqueológicos e bíblicos”. O narrador também diz que nesta viagem “Conhecemos as pirâmides do Egito, uma das sete maravilhas do mundo. O Monte Sinai. A Galileia. O Mar Vermelho. Nazaré. Tel-Aviv. Jerusalém”. E, ademais, o Rio Jordão, onde “você poderá se batizar” (imagem 7).

27 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UvgTSSNmMoo>. Acesso em: jul. 2020.

28 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pFK0s2q0bro&ab_channel=ViagensBiblicasm. Acesso em: jul. 2020.

29 Cf. <https://www.viagensbiblicas.com.br/pacote-de-viagem-a-israel-completo-com-guia-sidney-sampaio-a-terra-prometida/>. Acesso em: jul. 2020.

Imagem 7 – Batismos no Rio Jordão no material promocional de Viagens Bíblicas (YouTube de Viagens Bíblicas)



Fonte: Vídeo “Egito e Israel” (YouTube: Viagens Bíblicas).

O batizado nas águas do Jordão não está incluído no pacote, custa dez dólares e, por esse valor, no local, também se alugam toalha, bata e uso do vestuário, para o momento do batizado. Uma depoente é rapidamente situada no vídeo após essa informação, dizendo que a experiência “é muito emocionante, renovar na fé, renascer”.

O material em questão faz mais duas ressalvas sobre a viagem. Uma delas é sobre o preparo físico exigido para subir o Monte Sinai, trajeto que leva em média seis horas em caminhada. A outra é sobre o fato de que não há, acompanhando os grupos brasileiros, a presença de líderes religiosos de nenhuma denominação. Mesmo sendo uma viagem bíblica e que propicia rituais associáveis a tradições religiosas (como o batismo), há um esforço por parte dessa empresa em não se associar a uma religião ou grupo religioso. Comentando a viagem para a câmera, o ator Dudu Azevedo afirma: “Foi com certeza uma das maiores experiências da minha vida”.

O ator Ricky Tavares dá um depoimento mais longo no alto do Monte Sinai:

Isso aqui é Deus. É Deus. Eu fico até arrepiado de falar. Poder fazer essa viagem pra mim tá sendo incrível. Porque eu fiz um personagem que foi muito especial pra mim, que foi o José do Egito. E estar aqui, poder conhecer um pouco mais da Bíblia... parece que as histórias saltam em 3D. Isso aqui é incrível, quem pensa em fazer, não pensem duas vezes. É incrível.

Ricky foi o jovem José em *José do Egito* (a minissérie tem duas fases), que foi gravada no deserto do Atacama, no Chile, como outras produções (como *Os Dez Mandamentos*), que faziam as vezes das paisagens egípcias. O caso de *José do Egito* é interessante, pois a minissérie recebeu grande investimento da emissora à época. Segundo apurou o site Teledramaturgia:

A Record investiu R\$ 7 milhões na construção de cenários de José do Egito. Mais da metade desse dinheiro, R\$ 4 milhões, foi gasto para erguer a cidade de Avaris, que reproduzia uma cidade grande do Egito Antigo. Maior cidade cenográfica da Record até então, Avaris ocupava uma área de 5.500 metros quadrados. Apesar de todo esse investimento, o departamento de computação gráfica entrou em ação: no computador, Avaris recebeu mais de 45 mil casas em 3D.³⁰

O esforço de reconstituição, contudo, parece ser suplantado no discurso do ator pelo “estar lá”. Estar na região, “poder conhecer um pouco mais da Bíblia... parece que as histórias saltam em 3D” em sua frente. Pode-se dizer, assim, que esta é uma perspectiva que coloca o turismo como uma operação de conhecimento, movida por sujeitos ativos, envolvidos na produção do que está sendo criado, e não apenas recebendo significados anteriormente fixados por outros agentes (Crang, 1999).

Junto a essa imagem, o site de Viagens Bíblicas (imagem 8) ainda situa a ação com os atores com o seguinte texto:

A vida de Jesus e Jose impactaram o Brasil através das novelas da Tv Record.
Os atores DUDU AZEVEDO e RICKY TAVARES embarcaram conosco ao Egito, Jordânia e Israel para conhecer de perto os lugares mais importantes da história bíblica.

30 Disponível em: <http://teledramaturgia.com.br/jose-do-egito>. Acesso em: jul. 2020.

Juntos tivemos dias maravilhosos na Terra Santa que marcaram a vida dos atores.

“Acho que ainda vou entender muito mais sobre esta viagem daqui alguns dias... mas eu posso dizer que se não foi a maior, foi uma das maiores experiências da minha vida” DUDU AZEVEDO.

Imagem 8 – Elenco da Record em banner do site com a empresa Viagens Bíblicas



Fonte: Viagens a Israel... (s.d.).

Nesta ação, a empresa também convida em seu site para que acompanhem o material que os atores produziram em suas redes sociais sobre a viagem: “Veja mais fotos e momentos desta viagem nos Stories do Instagram dos artistas os atores DUDU AZEVEDO e RICKY TAVARES”, disponibilizando os links.³¹ O site igualmente disponibiliza muitas fotos de grupos de viagem nesses destinos.

Nesta seção, estive interessado em perceber como viagens a destinos identificados como concernentes à bíblia foram, por uma dada empresa, vinculados a imagens e referências de determinados produtos da ficção bíblica produzida pela Record (como nomes de produções e atores de seu elenco) a fim de suscitar uma forma de constituir relações junto a distintos públicos.

Pode-se perceber que em grande parte essa vinculação entre públicos e formas de relação se dá por meio de imagens e circulações de imagens. O recurso às redes sociais dos atores envolvidos na campanha

³¹ Disponível em: <https://www.viagensbiblicas.com.br/fotos-de-nossa-viagem-de-setembro-2018-egito-e-israel/>. Acesso em: jul. 2020.

da empresa de viagens, por exemplo, pode sugerir como essas imagens reforçam registros do seu trabalho como atores nas produções bíblicas da Record, articulando um sentido de “biblicidade”. Tal recurso oferece possibilidades de ampliação e aproximação de um caráter de “biblicidade” em relação à participação visual com o turismo e as viagens, o registro dessas imagens e vídeos das viagens e publicação em redes sociais e a associação do bíblico com o “turístico”, o “histórico” e o “arqueológico”, conforme coloca a Viagens Bíblicas no seu esforço de oferecer aos viajantes informações especializadas nessas áreas, mas expressamente sem a presença de “padres ou pastores”.

Abaixo do slogan “Excelência e experiência em viagens a Israel”, a empresa traz esse aviso em seu site (em letras vermelhas negritadas): “Em nossas viagens não há realizações de missas ou cultos nem acompanhamento de padres ou pastores!”.³² Conforme entendo, o que está em jogo aqui é um sentido de “bíblico” (na ação das “viagens bíblicas”) que não deve ser resumido, portanto, ao de “religioso”, mas compreendido como algo novo, em si carregado de significados que, embora possa encontrar disputas com outros agentes (como a comparação com o que é feito pela Terra Santa Viagens sugeriu), deve ser pensado em bases autorreferentes, como as formas de interpretação e vinculação que os agentes envolvidos nas Viagens Bíblicas intentam conformar.

Seguindo estados bíblicos

Escrevendo em 2011, Clara Mafra lembra a difícil situação dos setores evangélicos brasileiros de se apropriarem legitimamente da categoria de “cultura” e contextualiza que as investidas desse segmento em relação à monumentalização da fé (como no caso do Templo de Salomão) criam uma comunidade de pertencimento para além dos domínios do Estado-nação e contornam referências europeias de cristandade; ao contrário, tal movimento “liga Israel ao (bairro do) Brás”, na cidade de São Paulo (2011, p. 618). Não contemplados por certas acepções da noção de cultura (mais afinadas com o catolicismo e as religiões afro-brasileiras), setores evangélicos estariam produzindo seus próprios

³² Disponível em: <https://www.viagensbiblicas.com.br/pacote-de-viagem-a-israel-completo-com-guia-sidney-sampaio-a-terra-prometida/>. Acesso em: jul. 2020.

“universalismos parciais” com iniciativas de outra monta em direção à cultura. Um efeito particularmente original desse tipo de iniciativa é a possibilidade de apontar para uma comunidade de pertencimento “autenticamente cristã” que não tem a Europa como referência fixa.

A força de persuasão da magnificência do Templo de Salomão está, se seguirmos as palavras de Edir Macedo, na sugestão de outro “entendimento” do cristianismo, segundo o qual, na longa narrativa judaico-cristã, Roma e Europa seriam largamente ignoradas. Com o templo, uma linha espaço-temporal cruzará o Mediterrâneo e o Atlântico, ligando Israel ao Brás, em São Paulo, sem desvio em terras europeias. Há aqui um diálogo com a tese do “mal-estar da civilização” — se a Europa filtrou a mensagem cristã de tal forma que ela se autorrepresentou no topo da hierarquia do mundo, sustentando a reprodução de uma humanidade crescentemente desigual, está na hora de ignorar estes interlocutores consagrados e reler a mensagem cristã em novos termos.

Com o Terceiro Templo de Salomão, por exemplo, eles estão sugerindo uma conexão direta com uma remota história judaica e, ao mesmo tempo, repudiando um modo convencional de construção da história cristã, que necessariamente passa pela Europa. (Mafra, 2011, p. 618-619).

Tendo esse movimento em vista, meu objetivo neste texto foi situar como processos suficientemente autônomos – o empreendimento de teledramaturgia bíblica e as viagens a locais identificados como cenários bíblicos – e com diferentes fins (cada um a seu modo, podendo ser uma forma de consumo religiosa e não religiosa³³) – constroem intersecções e interferências mútuas. Ambos os esforços são levados a cabo por agentes heterogêneos e não se prestam a apenas um fim, de modo que considero insuficientes meras noções como a de “proselitismo religioso” e de certa produção sobre as mídias religiosas de corte evangélico que as compreende, de forma genérica, enquanto “gospel”, como se a categoria fosse suficientemente transparente e pudesse explicar uma ampla gama de processos.³⁴ O que me parece mais afinado com esses fenômenos

33 Sobre formas não religiosas de enquadramento das ficções bíblicas da Record, ver Scola (2017).

34 Veja-se ainda, sobre a discussão a respeito da produção de música evangélica e sua pluralidade interna de projetos e de públicos, o trabalho de Taylor Aguiar nesta coletânea.

em exame é uma autonomização do bíblico em relação ao religioso e o fomento ao interesse de distintos públicos em se colocar em relação de participação com o que é tido como bíblico. Resumir tais eventos a uma ampliação do “gospel” ou a formas de proselitismo religioso poderia nos fazer perder de vista certas especificidades da constituição de públicos, em que a religião não é o único significado importante e nem o mais determinante, mas uma leitura possível, entre outras.

Propus, assim, uma leitura materialmente orientada (Latour, 2005; Kopytoff, 2009; Meyer, 2019b) de modo a compreender como distintos públicos são engajados nas práticas de apresentação, seleção e mobilização de espaços, imagens e objetos relativos à temática “bíblica”. Algumas consequências poderiam ser tiradas dessas reflexões, pensando, com Foucault (2009), a questão do espaço, e também com Spivak e Butler (2018), os efeitos produtivos de articular estudos globais e formas estéticas. Um deslocamento importante que as autoras propõem é o de pensar o âmbito do político para além de certos marcos usuais para a formação de coletivos, como as religiões (em seu sentido estrito, como uma religião específica) e o Estado-nação. Refletindo especialmente sobre a palavra “Estado”, as autoras consideram compreendê-lo como adjetivo, como “as condições em que estamos”. Ao enfatizar o que chamam de formas não autorizadas de reiterar a nação, Spivak e Butler (2018, p. 58) nos convidam a atentar para as reivindicações que se fazem de forma estética (pela ocupação do espaço público com palavras e cantos) de modo a reclamar pertencimento, segundo o que consideram “contradições performativas”, entendidas como formas de agir que se dão para além do registro normativamente previsto.³⁵

Tal atenção ao discurso e à performance, sem reduzir a segunda ao primeiro, possibilitaria ver como esta produção de mídias (seja nas viagens de turismo, seja na teledramaturgia bíblica) coloca em jogo um

³⁵ O exemplo do hino estadunidense explicita o que as autoras estão chamando de “contradições performativas”.

Resumidamente, a lei norte-americana proíbe a execução do hino nacional em uma língua que não seja o inglês. Imigrantes, contudo, cantaram uma versão traduzida para o espanhol do hino em estado de multidão. Ver Spivak e Butler (2018, p. 58). A performance instaura para as autoras a tarefa de tradução na declaração de igualdade e explicita a diferença entre exercer direitos e obtê-los e demandá-los. Assim, o entrelaçamento entre os âmbitos da política, da linguagem e da performance pode ser visto nessas contradições performativas, que teriam o valor de deslocar a forma como a política é exercida no âmbito da linguagem, desafiando as suas normas, e proclamando pertencimento segundo formas poéticas e estéticas. É naquilo de pertencimento e de “novos comuns” que essas performances podem acionar, desafiando noções prescritivas (o estritamente religioso ou o atinente a certas religiões especificamente), que creio que a noção de contradição performativa mais ajude aqui.

conjunto de questões para o tema da autoridade. Pode-se contestar que uma rede de televisão aberta, que no caso brasileiro é uma concessão estatal, disponibilize ficções produzidas com base em textos bíblicos? E as religiões que não concordarem com interpretações da bíblia apresentadas em certas passagens, o que podem fazer? É possível fazer humor baseado na bíblia? Existiriam mais perguntas possíveis, mas o que quero enfatizar é um ponto que certa bibliografia sobre o processo de publicização tem abordado (Warner, 2002; Engelke, 2013; Stolow, 2014) e que considero importante aqui: tornar algo público é abrir-se para a controvérsia, para a contestação, para audiências imprevistas pelos produtores de algo.

Muito embora exista um grande número de exegetas, tradutores e intérpretes do texto bíblico (em distintas tradições religiosas, mas também preocupados com questões etimológicas, linguísticas, estéticas, históricas e arqueológicas), a questão da autoridade não é transparente, de modo que não estamos diante de uma centralização que define algo como bíblico ou não bíblico. Conforme compreendo, os fenômenos aqui tratados estão fomentando o caráter social da prática da imaginação (Appadurai, 2004) e as imagens publicizadas (assim como o engajamento com essas imagens) sugerem um movimento ativo e criativo, apesar de atravessado por jogos de autoridade e reivindicações de reconhecimento que passam, por exemplo, pela questão da grandiosidade e da autenticidade.

Além disso, talvez seja interessante perceber certa explicitação do implícito que esteja em curso nas práticas de objetivação presentes nas tentativas de anunciar e afixar objetos, locais e experiências como “bíblicas” em sentido amplo. Pensando a distinção sugerida por Foucault entre utopias, como posicionamentos sem lugar real, e heterotopias, como lugares reais e efetivos, espécie de utopias plenamente realizadas, “lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis” (2009, p. 415), podemos perceber certo movimento de passagem, de uma concepção de espaços e materialidades bíblicas “utópica” para outra “heterotópica”. O cinema e o teatro, bem como o jardim oriental, são alguns dos exemplos de Foucault para a capacidade das heterotopias em justapor em um só lugar vários espaços e vários

posicionamentos que seriam em si incompatíveis. Nesse sentido, creio que as cidades cenográficas (simultaneamente nos estúdios do Rio de Janeiro e no Egito Antigo) e o movimento das viagens rumo aos *destinos bíblicos*, que intentam oferecer ao turista experiências com “o tempo bíblico” nos termos das possibilidades técnicas do presente podem ser bons exemplos de heterotopias que propiciam diferentes objetivos para distintos agentes sociais.

Conforme o autor o concebe, o conceito de heterotopia não é em si crítico, não se prestando à denúncia da artificialidade. Creio que este referencial nos ajuda, principalmente, a perceber diferentes formas de percepção e organização do tempo e do espaço – nessa constituição de “espaços outros”, que Foucault compreende tendo as funções, em relação ao real e ao vivido, de aperfeiçoamento e de compensação, e não necessariamente de ilusão (2009, p. 420). Seguindo os agentes que empreendem a busca pelos “estados bíblicos”, entendidos aqui como leituras de uma condição em que sujeitos estão, nesse caso, em “estados de bíblia”, de relação com a bíblia, meu objetivo foi o de salientar concepções de materiais, imagens, performances e espaços como tais, com atenção especial ao movimento de trânsito desses processos e a como as operações comutativas em curso reforçam e entrelaçam o porte de significados em uma rede (Latour, 2012).

Tal processo, ademais, pode ter por resultado certa produção da categoria “bíblico” enquanto distinta do “religioso” e como categoria razoavelmente autônoma, embora tenha capacidade de interferência junto a outros registros, como este, do religioso. E, também, político. Pensemos, por exemplo, no apoio oficial do governo israelense ao turismo brasileiro. No caso das produções audiovisuais de teleficção, além de sua exibição original se dar pela veiculação em televisão aberta, que no país é uma concessão pública, parece haver outras torções em andamento em relação à sua exibição e certo sentido de publicidade: refiro-me às negociações do governo federal, via Empresa Brasil de Comunicação (EBC), para a exibição das duas temporadas da telenovela *Os Dez Mandamentos* na programação da TV Brasil, ela mesma uma emissora estatal, uma vez que esta seria um exemplo de “novelas para a

família”.³⁶ A formulação “estados bíblicos”, assim, pode nos fazer ter em vista essa simultaneidade de processos.

A circulação de imagens, materialidades e objetos de modo a constituir relações que se querem enquanto “bíblicas” tem, ainda, uma dimensão estética no sentido clássico do termo, o qual merece algum desenvolvimento nestas conclusões. No limite, a aproximação entre estética e política pode ser produtivamente elaborada segundo distintas perspectivas teóricas. Pode-se mesmo dizer que é um tema fundador da estética na filosofia clássica, o da estética em suas implicações políticas. Dele derivou o conceito de mimese e uma concepção de estética (*aisthesis*) que não se resume à análise das formas e do campo artístico, mas tem a ver, fundamentalmente, com a questão da percepção (Gagnebin, 1993). Tal entendimento de estética tem orientado leituras contemporâneas, como em Meyer (2018, 2019a) e em Rancière (2005).

Se a estética coloca questões complexas para a política, suas consequências para o tema da religião também são bastante pertinentes. O vínculo entre arte e religião, conforme Walter Benjamin em *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica* (2017), pode ser tipologizado e historicizado, estando o tema da religião e da magia como definidor do sentido da arte em tempos anteriores, quando o teatro, a pintura e a escultura eram práticas a serviço da religião. O corte em que a arte passa a ser adorada de forma secular, como beleza, se daria no Ocidente com o Renascimento, instituindo a aura estética no lugar da aura religiosa. A fotografia, o cinema e as gravuras, afinadas com a produção de mercadorias e itens culturais a partir do século XIX, inaugurariam a época da “reprodutibilidade técnica”. No contexto do avanço do capitalismo, os itens de arte produzidos via reprodutibilidade técnica seriam simultaneamente, para o autor, meios e fins, tendo em vista a autonomização da arte e da intersecção com a indústria cultural das formas estéticas.

36 A EBC é uma empresa pública federal que possui um conglomerado de mídia no Brasil, tendo sido criada em 2007 para prestar serviços de radiodifusão pública e gerir as emissoras de rádio e televisão públicas federais. Também é responsável pela EBC Serviços, ramo que produz o programa de rádio *A Voz do Brasil* para a Secretaria de Governo da Presidência da República, gerencia a Rede Nacional de Rádio, licencia os programas dos veículos da EBC, fornece monitoramento e análise de mídias sociais e realiza todo o trabalho de publicidade legal para os órgãos da administração pública federal (cf. <https://www.ebc.com.br/sobre-a-ebc>; acesso em: jul. 2020). Conforme o jornalista Lauro Jardim (*O Globo*, 30 de agosto de 2020), há uma negociação em curso para a veiculação de *Os Dez Mandamentos* na grade da TV Brasil (cf. <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/ebc-negocia-nove-lada-record-para-ser-exibida-na-tv-brasil.html>; acesso em: ago. 2020).

O que desejo extrair dessa referência benjaminiana considerando o tema da percepção do “bíblico” se vale da amplitude de consequências que a reprodutibilidade técnica traz para a noção de autenticidade e de como a percepção mesma da autenticidade se modifica. As formas de ver e perceber imagens por meios técnicos (televisão, internet) que se reportam a um tema “bíblico” e que buscam elas mesmas um sentido de “reconstituição” do bíblico é uma dessas possibilidades. Outra forma de percepção tem a ver com o que é promovido pelas viagens bíblicas e a sua intenção de produzir imagens provenientes da experiência “aurática” nos “locais da bíblia”. Voltando ao material analisado, quando um dos atores afirma que estar no Monte Sinai é um verdadeiro “estar na bíblia”, vivenciando-a “em 3D”, tem-se aí uma forma de enquadrar a experiência e a relação com o bíblico em bases distintas das demais aqui analisadas – como a de encenar novelas, visitar exposições provenientes destas ou escutar a sua trilha sonora em hebraico.

Desta maneira, se grande parte do esforço deste texto foi o de sinalizar um eixo em curso de compartilhamento de mídias produzidas por diferentes agentes em torno do “bíblico” entendido como uma entidade autorreferente, é importante atentar também para as suas diferenças diante do tema da estética, da persuasão e das formas de percepção que elas instituem. Essas diferenças colocam em questão, nos termos deste texto, diferentes “estados bíblicos”. No caso das viagens, estes passariam pela percepção estética proveniente da experiência de viajar e se valeriam de outras formas de mídia (produção de fotografias, vídeos, circulação via redes sociais).

Em um âmbito mais geral, do ponto de vista das mediações atinentes à teledramaturgia bíblica, pode-se dizer que a produção de interesse com o engajamento sensorial das audiências (da presença em exposições à mimese de peças de roupa, passando pela captura de temas cantados em hebraico para utilização para além da execução nas mídias originais) é bem-sucedido em suas distintas interfaces. O processo de montagem, de composição de elementos, enquanto uma narrativa bíblica e a produção desta em imagens, assim, nos ajuda a ver como para distintas audiências é possível a construção de um “estado bíblico” baseado na teledramaturgia veiculada pela Record.

No que se refere à promoção de viagens a destinos identificados com “os locais bíblicos”, pôde-se conferir a conformação de determinados espaços enquanto uma especialidade turística que trata a bíblia não só em sua importância religiosa, mas que a compreende também das perspectivas “histórica e arqueológica”, isto é, como artefato histórico. Chamo a atenção para o caráter de conhecimento que a atividade de viajar ganha nessa perspectiva. As formas como a promoção dessas viagens de turismo são veiculadas interpelam diretamente a produção da Record.

Em ambos os casos, pela operação de enquadramento, pode-se dizer que os atos de seleção e apresentação de algo como “bíblico” são ações de criação, conquanto sejam operações miméticas (Taussig, 1993), baseadas em um referente proposto – aqui, a bíblia.³⁷ E a própria formação de valores orientadores desta produção e as formas contextuais de sugestão de autenticidade e persuasão, embora possuam distinções, apresentam também, como argumentei ao longo deste texto, capacidades de interferir-se mutuamente, articulando um comum, um conjunto de espaços, imagens, representações e objetos identificáveis enquanto “bíblicos”, bem como possibilidades de estar em relação com estes, propiciando o que chamei de “estados bíblicos”.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, T. A adoração na “cultura”: margens e mediações entre música congregacional, arte religiosa e produção comercial na atuação de uma banda de jovens evangélicos. In: GIUMBELLI, E.; PEIXOTO, F. (org.). *Arte e Religião: passagens, cruzamentos, embates*. Brasília: Aba Publicações, 2021. p. 271-298.

APPADURAI, A. *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema, 2004

BESANÇON, A. *A imagem proibida*. Uma história intelectual da iconoclastia. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

37 A referência ao trabalho de Michael Taussig (1993) intenta salientar os efeitos da produção de cópias na modernidade na relação com imagens fotográficas, artefatos e mercadorias, com atenção à forma com que tais produções trazem questões para o tema da alteridade. Taussig examina diferentes casos em sua “história particular dos sentidos” e levanta pontos importantes para o tema do poder, demonstrando como a própria leitura de algo como uma “cópia” diante de um “original” tem vínculos com processos envolventes de maior duração, como o capitalismo e o colonialismo.

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica (5ª versão). In: BENJAMIN, W. *Walter Benjamin: Estética e sociologia da arte*. Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 7-47.

BIRMAN, P. Imagens religiosas e projetos para o futuro. In: BIRMAN, P. (org.). *Religião e espaço público*. São Paulo: Attar/PRONEX, 2003. p. 235-255.

CRANG, M. Knowing, tourism and practices of vision. In: CROUCH, D. (ed.). *Leisure/Tourism Geographies: Practices and Geographical Knowledge*. London: Routledge, 1999. p. 238-257.

CONTINS, M.; GOMES, E. C. Edificações religiosas e autenticidade: comparando a IURD e os carismáticos católicos. *Anthropológicas*, Recife, v. 19, n. 1, p. 169-199, 2008.

CUNHA, M. N. A interseção mídia religiosa e mercado e a ressignificação de signos bíblicos pelos evangélicos. *Relegens Thréskeia: Estudos e pesquisa em religião*, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 1-23, 2014.

ENGELKE, M. *God's Agents: Biblical Publicity in Contemporary England*. Berkeley: University of California Press, 2013.

FOUCAULT, M. Outros espaços. In: FOUCAULT, M. *Estética: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e escritos III)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GAMA, F. M. V. *Fotodocumentação e participação política*. Um estudo comparativo entre Brasil e Bangladesh. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

GAGNEBIN, J. M. Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin. *Perspectivas*, São Paulo, n. 16, p. 67-86, 1993.

GIUMBELLI, E. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 80-101, 2008.

GIUMBELLI, E. Para estudar a laicidade, procure o religioso. In: BELIVEAU, V.; GIUMBELLI, E. (org.). *Religión, Cultura y Política en las Sociedades del Siglo XXI*. Buenos Aires: Biblos, 2013. p. 43-68.

GIUMBELLI, E. O problema do secularismo e da regulação do religioso: uma perspectiva antropológica. In: GIUMBELLI, E. *Símbolos religiosos em controvérsias*. São Paulo: Terceiro Nome, 2014a. p. 209-229.

GIUMBELLI, E. Cultura pública: evangélicos e sua presença na sociedade brasileira. In: GIUMBELLI, E. *Símbolos religiosos em controvérsias*. São Paulo: Terceiro Nome, 2014b. p. 189-207.

GOMES, E. C. *A era das catedrais: a autenticidade em exibição (uma etnografia)*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

KOPYTOFF, I. A biografia cultural das coisas In: APPADURAI, A. (org.). *A Vida Social das Coisas: As Mercadorias sob uma Perspectiva Cultural*. Niterói: Eduff, 2009. p. 89-124.

LATOUR, B. From Realpolitik to Dingpolitik – or How to Make Things Public. In: LATOUR, B.; WEIBEL, P. (ed.). *Making Things Public: Atmospheres of Democracy*. Cambridge: MIT Press, 2005. p. 14-43.

LATOUR, B. O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem?. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 29, p. 111-150, 2008.

LATOUR, B. *Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede*. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.

MACHADO, C. Introdução ao dossiê Religião e Mídia. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 34n. 2, p. 139-145, 2014.

MAFRA, C. A “arma da cultura” e os “universalismos parciais”. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 607-624, 2011.

MEYER, B. Mediação e Imediatismo: formas sensoriais, ideologias semióticas e a questão do meio. *Campos*, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 145-164, 2015.

MEYER, B. A estética da persuasão: formas sensoriais do cristianismo global e do pentecostalismo. *Debates do NER*, Porto Alegre, n. 34, p. 13-45, 2018.

MEYER, B. De comunidades imaginadas a formações estéticas: mediações religiosas, formas sensoriais e estilos de vínculo. In: GIUMBELLI, E.; RICKLI, J.; TONIOL, R. (org.). *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião*. Textos de Birgit Meyer. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019a [2009]. p. 43-80.

MEYER, B. Mediação e a gênese da presença: rumo a uma abordagem material da religião. In: GIUMBELLI, E.; RICKLI, J.; TONIOL, R. (org.). *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião*. Textos de Birgit Meyer. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019b [2012]. p. 159-203.

OOSTERBAAN, M. “Escrito pelo Diabo”: interpretações pentecostais das telenovelas. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 53-76, 2003.

MONTERO, P.; SILVA, A. L.; SALES, L. Fazer religião em público: encenações religiosas e influência pública. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 52, p. 131-164, 2018.

PEREIRA, E. Do Holocausto à terra prometida: a criação de um memorial na paisagem carioca. In: GIUMBELLI, E.; PEIXOTO, F. (org.). *Arte e Religião: passagens, cruzamentos, embates*. Brasília: Aba Publicações, 2021. p. 121-158.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO, Editora 34, 2005.

SCOLA, J. A teledramaturgia bíblica pela TV Record: sentidos e mediações a partir da produção da mensagem. *Ciências Sociais & Religião*, Porto Alegre, v. 27, p. 41-71, 2017.

SPIVAK, G.; BUTLER, J. *Quem canta o Estado-Nação? Língua, política, pertencimento*. Brasília: Editora UnB, 2018.

STOLOW, J. Religião e mídia: notas sobre pesquisas e direções futuras para um estudo interdisciplinar. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 146-160, 2014.

TAUSSIG, M. *Mimesis and alterity: a particular history of the senses*. New York: Routledge, 1993.

WARNER, M. Publics and Counterpublics. *Public Culture*, v. 14, n. 1, p. 49-90, 2002.

Jornais e revistas consultados

EGITO quer atrair mais turistas brasileiros em 2019. *Jornal de Brasília*, Brasília, 5 set. 2019. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/mundo/egito-quer-atrair-mais-turistas-brasileiros-em-2019/>. Acesso em: jul. 2020.

IZEL, Adriana. Efeitos especiais começam a ganhar mais espaço na televisão aberta. *Correio Brasiliense*, Brasília, 24 dez. 2017. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/12/24/interna_diversao_arte,649528/efeitos-especiais-na-tv-aberta.shtml. Acesso em: jul. 2020.

JARDIM, Lauro. EBC negocia novela da Record para ser exibida na TV Brasil. *O Globo, Blogs*, 30 ago. 2020. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/ebc-negocia-novelada-record-para-ser-exibida-na-tv-brasil.html>. Acesso em: ago. 2020.

‘OS DEZ Mandamentos’: elenco virou noites para gravar a abertura do *Mar Vermelho*. *Veja*, 10 nov. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/os-dez-mandamentos-elenco-virou-noites-para-gravar-a-abertura-do-mar-vermelho/>. Acesso em: jul. 2020.

RIGEL, Ricardo. A Via Crucis em ‘Jesus’: veja fotos do sofrimento de Dudu Azevedo em cena. *Extra, TV e Lazer*, 27 mar. 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/a-via-crucis-em-jesus-veja-fotos-do-sofrimento-de-dudu-azevedo-em-cena-23556090.html>. Acesso em: jul. 2020.

Sites consultados

A CHEGADA do filho Moyses. In: Bispo Edir Macedo. Disponível em: <https://blogs.universal.org/bispomacedo/historia-do-bispo/a-chegada-do-filho-moyses/>. Acesso em: jul. 2019.

AZEVEDO, Philippe. Exclusivo: Elenco da novela “Os Dez Mandamentos” grava em Guarapuava. In: Portal Overtube, 3 dez. 2014. Disponível em: <https://portalovertube.com/noticias-da-tv/elenco-da-novela-os-dez-mandamentos-grava-em-guarapuava>. Acesso em: jul. 2020.

BALANÇO GERAL. Fã de Os Dez Mandamentos conhece os atores e os estúdios da novela. 1º fev. 2016. YouTube: Balanço Geral. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g8uOTngqnUs>. Acesso em: jul. 2020.

BALANÇO GERAL RJ. Joias das egípcias de Os Dez Mandamentos fazem sucesso entre cariocas. In: R7, 3 set. 2015. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/joias-das-egipcias-de-os-dez-mandamentos-fazem-sucesso-entre-cariocas-17022020>. Acesso em: jul. 2020.

CAETANO, Aaron. Cantarei ao Senhor - יְגַדֵּל יְהוָה יִלְהַרְגֵנּוּ - Ashira l'Adonay Os-Dez Mandamentos HEB PT ENG ESP REMIXAC. YouTube: Aaron Caetano. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GfoC7f=-pH4A&list=PLrT74sGH1f9qLNMq5oEgRRGNKtf6Tgpop>. Acesso em: jul. 2020.

DOMINGO ESPETACULAR. As explicações da ciência para a abertura do mar Vermelho. 2 nov. 2015. YouTube: Domingo Espetacular. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vwcvuBQLpZQ>. Acesso em: jul. 2020.

DOMINGO ESPETACULAR. Músicas de Os Dez Mandamentos conquistam os fãs de todo o Brasil. 31 mar. 2016. YouTube: Domingo Espetacular. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=snYPMsD72ig>. Acesso em: jul. 2020.

DOMINGO ESPETACULAR. Saiba como eram as ceias de Natal na época da Bíblia no Mitos e Verdades. 17 dez. 2017. YouTube: Domingo Espetacular. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5psMnUsSxio>. Acesso em: jul. 2020.

EXPOSIÇÃO de Os Dez Mandamentos chega ao Rio de Janeiro. In: R7, 30 jun. 2016. Disponível em: <https://entretenimento.r7.com/pop/exposicao-de-os-dez-mandamentos-chega-ao-rio-de-janeiro-06102019>. Acesso em: jul. 2020.

FIGUEIRA, João Vitor. Minha Mãe é Uma Peça 2 ultrapassa renda de Os Dez Mandamentos - O Filme. In: Terra, 9 fev. 2017. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/cinema/minha-mae-e-uma-peca-2-ultrapassa-renda-de-os-dez-mandamentos-o-filme,8750f7f49411829fa55790c3cf1ccce2ns8iq7y9.html>. Acesso em: jul. 2020.

FRANCISCO, Alex (Estadão Conteúdo | A Tarde). Larissa Maciel comemora sucesso de Miriã em novela da Record. In: Fala Barreiras, 12 maio 2015. Disponível em: <https://www.falabarreiras.com/sem-categoria/larissa-maciel-comemora-sucesso-de-miria-em-novela-da-record/>. Acesso em: jul. 2020.

HOJE EM DIA. Saiba um pouco mais sobre algumas das tribos de Israel, da novela A Terra Prometida. 23 ago. 2016. YouTube: Hoje em Dia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bKXpz1Nauyc>. Acesso em: jul. 2020.

ISRAEL fecha 2019 com recorde histórico de turistas. In: Diário do Turismo, 8 jan. 2020. Disponível em: <https://diariodoturismo.com.br/israel-fecha-2019-com-recorde-historico-de-turistas/>. Acesso em: jul. 2020.

JOSÉ do Egito. In: Teledramaturgia. Disponível em: <http://teledramaturgia.com.br/jose-do-egito>. Acesso em: jul. 2020.

LOCAIS visitados. In: Terra Santa Viagens. Disponível em: <https://terrasantaviagens.com.br/locais-visitados/#>. Acesso em: jul. 2020.

NÚMERO de turistas brasileiros na Jordânia aumentou 50%. In: ANBA – Agência de Notícias Brasil-Árabe, 16 jan. 2020. Disponível em: <https://anba.com.br/numero-de-turistas-brasileiros-na-jordania-aumentou-50>. Acesso em: jul. 2020.

RECORD abre, nesta terça-feira (19), exposição itinerante Os Dez Mandamentos. In: R7, 14 abr. 2016. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/os-dez-mandamentos/record-abre-nesta-terca-feira-19-exposicao-itinerante-os-dez-mandamentos-15092018>. Acesso em: jul. 2020.

RECORD TV. En El Pozo Te Encontré. YouTube: Record TV. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lsMKi_fq7IE. Acesso em: jul. 2019.

RECORD TV. Ana Hickmann passeia pela cidade cenográfica da novela Jesus. 23 jul. 2018. YouTube: Record TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BX3fteYcrHQ>. Acesso em: jul. 2020.

RECORD TV inicia gravações da novela Jesus em Marrocos. In: R7, 28 jun. 2018. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/2018/06/28/record-tv-inicia-gravacoes-da-novela-jesus-em-marrocos/>. Acesso em: jul. 2020.

SOBRE a EBC. In: EBC. Disponível em: <https://www.ebc.com.br/sobre-a-ebc>. Acesso em: jul. 2020.

SOBRE nós – Sobre a Terra Santa Viagens. In: Terra Santa Viagens. Disponível em: <https://terrasantaviagens.com.br/sobre-a-terra-santa-viagens/>. Acesso em: jul. 2020.

VEJA as fotos dos grupos que chegaram do Egito e Israel! In: Viagens Bíblicas. Disponível em: <https://www.viagensbiblicas.com.br/fotos-de-nossa-viagem-de-setembro-2018-egito-e-israel/>. Acesso em: jul. 2020.

VEJA os detalhes das gravações de Os Dez Mandamentos no Chile. In: R7, 31 jul. 2017. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/os-dez-mandamentos/fotos/veja-os-detalhes-das-gravacoes-de-os-dez-mandamentos-no-chile-15092018#!/foto/5>. Acesso em: jul. 2020.

VIAGEM a Israel e Egito 2020 e 2021. In: Viagens Bíblicas. Disponível em: <https://www.viagensbiblicas.com.br/pacote-de-viagem-a-israel-completo-com-guia-sidney-sampaio-a-terra-prometida/>. Acesso em: jul. 2020.

VIAGENS BÍBLICAS. Egito e Israel. YouTube: Viagens Bíblicas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pFK0s2q0bro&ab_channel=ViagensBiblicasm. Acesso em: jul. 2020.

VIAGENS BÍBLICAS. Viagem a Israel e Jordânia Petra com Dudu Azevedo e Ricky Tavares. 27 jun. 2020a. YouTube: Viagens Bíblicas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W7kz1J8Ey6s>. Acesso em: jul. 2020.

VIAGENS BÍBLICAS. Viagem a Luxor com Dudu Azevedo e Ricky Tavares. 27 jun. 2020b. YouTube: Viagens Bíblicas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UvgTSSNmMoo>. Acesso em: jul. 2020.

